



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agecom
Agência de
Comunicação
da UFSC

18 e 19 de março de 2023

DC Revista (Capa), AN Revista e Santa Revista (18.03 – 24.03.2023)

Floripa 350 anos

“Quantas Florianópolis cabem aqui?”

Quantas Florianópolis cabem aqui? / Silvio Y. Sato / Curso de Biologia /
Professor aposentado / César Floriano / Alésio dos Passos / Universidade Federal
de Santa Catarina / UFSC





NÚMERO DE PESSOAS DE OUTROS DE ESTADOS QUE MORAM EM FLORIANÓPOLIS

O Censo de 2010 do IBGE destrincha quantas pessoas de outros estados moravam aqui. São gaúchos como Iva e Igor, paranaenses como Silvio, paulistas como Fernanda, fluminenses como Athenê, estrangeiros como o sírio Faruk e catarinenses como Alésio. Cada personagem equivale a 2 mil pessoas.

Santa Catarina
293.262



Rio Grande do Sul
53.476



São Paulo
19.624



QUANTAS FLORIANÓPOLIS CABEM AQUI?

Prévia do Censo 2023 aponta que a população de Florianópolis passa de 574 mil pessoas, que vêm de diversos lugares do Brasil e do mundo e tornam a Capital de SC um lugar tão especial

CATARINA DUARTE
catarina.santos@nsc.com.br

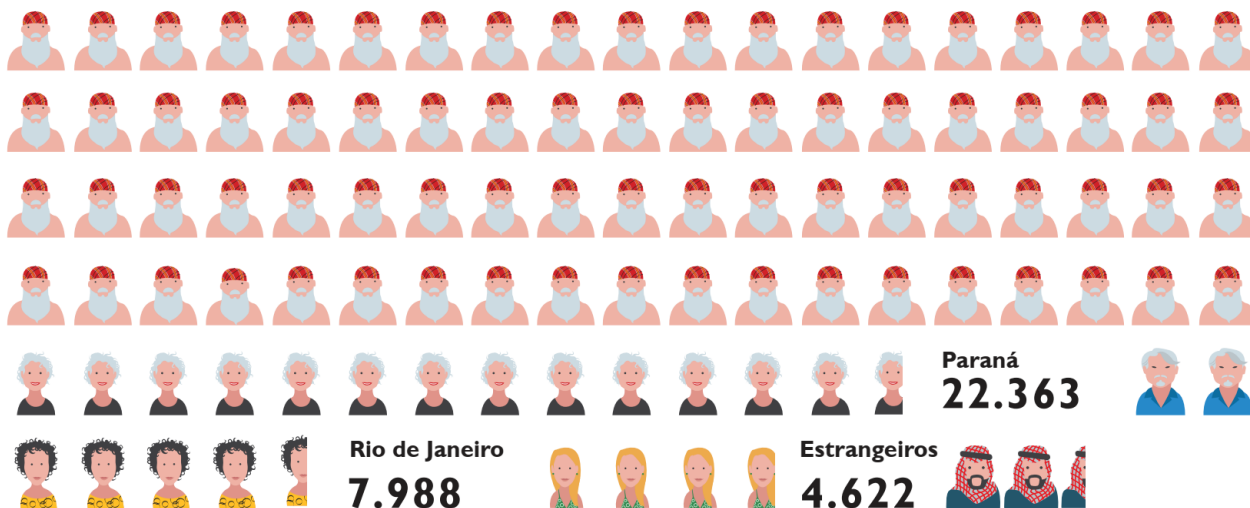
Não é possível precisar quantas cidades cabem dentro dessa aqui. Isso porque cada um dos 574.200 habitantes (dado da prévia do Censo 2023 divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE) consome Florianópolis de uma forma. Tem quem sempre morou na Lagoa da Conceição, Leste da Ilha, e nunca pisou nas praias do Norte da Ilha. Há milhares que moram em morros como o da Mariquinha, do Céu e da Caixa e que encontram menos comodidades do que os que moram no asfalto. Outros que vivem no Sertão do Ribeirão ou em Ratoles e desfrutam de uma Floripa ainda com estrada de terra em certos pontos.

Existe a cidade dos que vivem em áreas mais nobres como Jurerê Internacional e em parte do Centro. Para esses, a cidade é arborizada, tem calçadas largas, é cheia de supermercados e manicures que cobram R\$ 100 por pé e mão. Tem quem viva nos Ingleses e ache que Florianópolis é outro município, já que o bairro dispõe de agências de quase todos os bancos, lojinhas de tudo que é utensílio e farmácias em quase toda a esquina. Quando tiver um cinema, certamente o pedido de emancipação será encaminhado à Câmara de Vereadores em regime de urgência.

Os universitários consomem a Florianópolis dos arredores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Se espalham pelos bairros Carvoeira, Pantanal, Córrego Grande, Saco dos Limões e Trindade onde

encontraram uma dezena de bares que vendem cerveja de litrão (uma raridade, já que em outros cantos da Ilha só se vende long neck). A cidade para eles é ainda a praça do Pida, o shopping e os ônibus quase sempre lotados em horário de pico, mesmo que circulem de 10 em 10 minutos.

Tem quem esqueça, mas Florianópolis também é formada por uma área no continente. Os moradores da parte que não é cercada na totalidade pelo mar consomem uma cidade que tem um parque enorme com área pet, uma via gastronômica com restaurantes de frutos do mar, hamburguerias e bares com drinks especiais. Na área continental é possível encontrar também uma escola de samba, o estádio do Figueirense e lojas improvisadas em tudo que é espaço que pode virar ponto comercial.



Fonte: IBGE

No Sul da Ilha, a cidade é outra. Parece interior em alguns pontos, como na rua que leva aos Açores e a Costa de Dentro. A lógica de funcionamento é outra. Quem administra os famosos restaurantes, compra o peixe ali mesmo na peixaria à frente. Não precisa ir até o Mercado Público, no Centro. Os moradores dali consomem o mar gelado, a praia sem barulho de caixa de som, fazem trilha para chegar em uma cachoeira, fazem armadilhas não para os ladrões, mas sim para que os gatos de rua não comam tudo que plantam nas hortas.

O IBGE tem mapeado todo o Brasil no último ano para saber quantas pessoas moram em cada um dos 5.568 municípios do país. Esse levantamento é fundamental para sabermos o que mudou de 2010 – quando foi feito o último levantamento – para cá. O que temos de números são estimativas que em relação a Florianópolis apontam um crescimento significativo.

Em 2010, o número de pessoas que viviam aqui era de 421.240 pessoas. Como o Censo destrincha os dados, é possível saber que 69% eram catarinenses. Alésio dos Passos está neste montante. O manezinho da Ilha, nascido e criado na Lagoa da Conceição, é testemunha das mudanças que a cidade sofre há 73 anos. Alésio viu a luz elétrica chegar aqui, a água da Lagoa da Conceição passar por assoreamento e se tornar imprópria para banho em alguns pontos. O bairro cresceu e virou point de turistas, principalmente estrangeiros, enquanto ele se casou, teve duas filhas e tornou-se especialista em plantas medicinais. Cultiva no

jardim que mantém mais de 700 espécies e sabe o nome, origem e para que cada uma delas serve. É uma enciclopédia viva.

A população que o IBGE encontrou em 2010 também era formada por gaúchos. Eram 53.476 mil. A violinista Iva Giracca era uma entre eles. Veio para cá pela música – para tocar junto a Camerata – e não saiu mais, nem do grupo, nem da cidade.

Quem vai ser computado pelo próximo censo como morador da Capital é o chef de cozinha Igor Krupp. O cozinheiro veio para cá há três anos e se diz um apaixonado pela abundância culinária da capital. Encantou-se também pela pesca e, de vez em quando, acompanha a caça dos cardumes no trecho de praia que engloba um pouco de Canasvieiras e Jurerê.

A multicultural Florianópolis de 12 anos atrás também era formada por paranaenses. Dos 22.363 mil, um deles era Silvio Y. Sato. Hoje professor de Biologia em dois colégios tradicionais da cidade, ele chegou aqui calouro da UFSC há 30 anos. O também “agitador cultural” lembra que Florianópolis antiga não tinha filas, era tranquila. Já a atual, o faz correr para o Paraná no verão, época em que todas as estradas ficam engarrafadas independente do clima (o fluxo é para praias nos dias de sol e para os shoppings nos dias de chuva).

Uma outra porção de brasileiros que formava Florianópolis há 12 anos era de paulistas (19.624). Fernanda Marcondes, que chegou aqui em 2019, será computada pelo Censo mais atualizado, mas se sente manezinha de nascença, já que aqui renasceu. A

cidade fortaleceu a artista que fotografa e também produz placas esotéricas. Uma delas, indicando um ponto de abdução, virou ponto turístico para quem se aventura na trilha da Lagoinha do Leste.

Mais de 7 mil fluminenses moravam em Florianópolis, conforme o Censo 2010. Na época, Athenè Tamisier, que chegou em 2006, já tinha criado raízes por aqui. A mais forte delas talvez seja a escola de dança certificada internacionalmente e que resistiu à pandemia. É nela que a bailarina e professora passa boa parte dos dias.

O IBGE também mostrou que a população tinha ainda estrangeiros. Sem especificar o país de origem, o instituto trouxe o número de 4.622 mil. Mouayad Faruk chegou depois do Censo. Era 2015, quando o sírio se apaixonou pela cidade no instante em que a viu pela janela do avião. Agradeceu a Deus por trazê-lo para cá. Aqui construiu a vida, um restaurante e já trouxe o irmão e uma cunhada para morar em Florianópolis.

O Censo de 2010 mostra ainda que a população da Capital do Estado era formada por mineiros (3.442), baianos (2.872), sul-mato-grossense (1.768), brasileiro (1.205), pernambucanos (1.118) e cearenses (1.024). Havia mais moradores de outros estados, mas o número não chegava à casa dos mil (amapaense, por exemplo, eram 53).

Até que seja divulgado o Censo 2023 na totalidade, o que temos de dados sobre a população é baseado em estimativas feitas anualmente pelo IBGE. Elas, no entanto, não detalham os dados. A previsão é que o novo levantamento seja divulgado em abril.



Não é possível precisar quantas cidades cabem dentro dessa aqui. Isso porque cada um dos 574.200 habitantes (dado da prévia do Censo 2023 divulgado pelo IBGE) consome Florianópolis de uma forma

>> SEGUIE >>



CIDADE GANHOU 89 MIL HABITANTES EM 12 ANOS. ELAS CABEM AQUI?

Entre 2010 e 2022, Florianópolis ganhou pelo menos 89 mil novos habitantes. É como se nesse período 35 pessoas resolvessem mudar para cá todos os dias. Entre várias mudanças que a cidade sofreu (bairros ganharam novas ruas improvisadas, mais prédios foram construídos) até mesmo a forma como as pessoas chegam aqui mudou.

Para chegar à Ilha por terra em 2010, a Ponte Pedro Ivo era a principal e única opção. Agora, o caminho pode ser feito pela Ponte Hercílio Luz, inaugurada em dezembro de 2019. Mudou também a forma de embarcar em aviões ao chegar ou deixar a cidade. Um novo aeroporto foi inaugurado com mais voos anunciados (mais linhas internacionais até mesmo fora de temporada). Mas toda essa gente que chegou precisou de casa para morar, escola para os filhos, transporte público para se locomover.

O arquiteto, professor aposentado da UFSC e ex-secretário de Urbanismo e Meio Ambiente de Florianópolis, César Floriano, avalia como inevitável o crescimento da cidade. Aponta que os polos de desenvolvimento fora da Capital (Joinville, Blumenau, Criciúma, por exemplo) explica o porquê de a Capital não ter habitantes na casa de 1 milhão. Para ele, os principais gargalos atuais são a falta de moradia adequada e a mobilidade urbana na cidade.

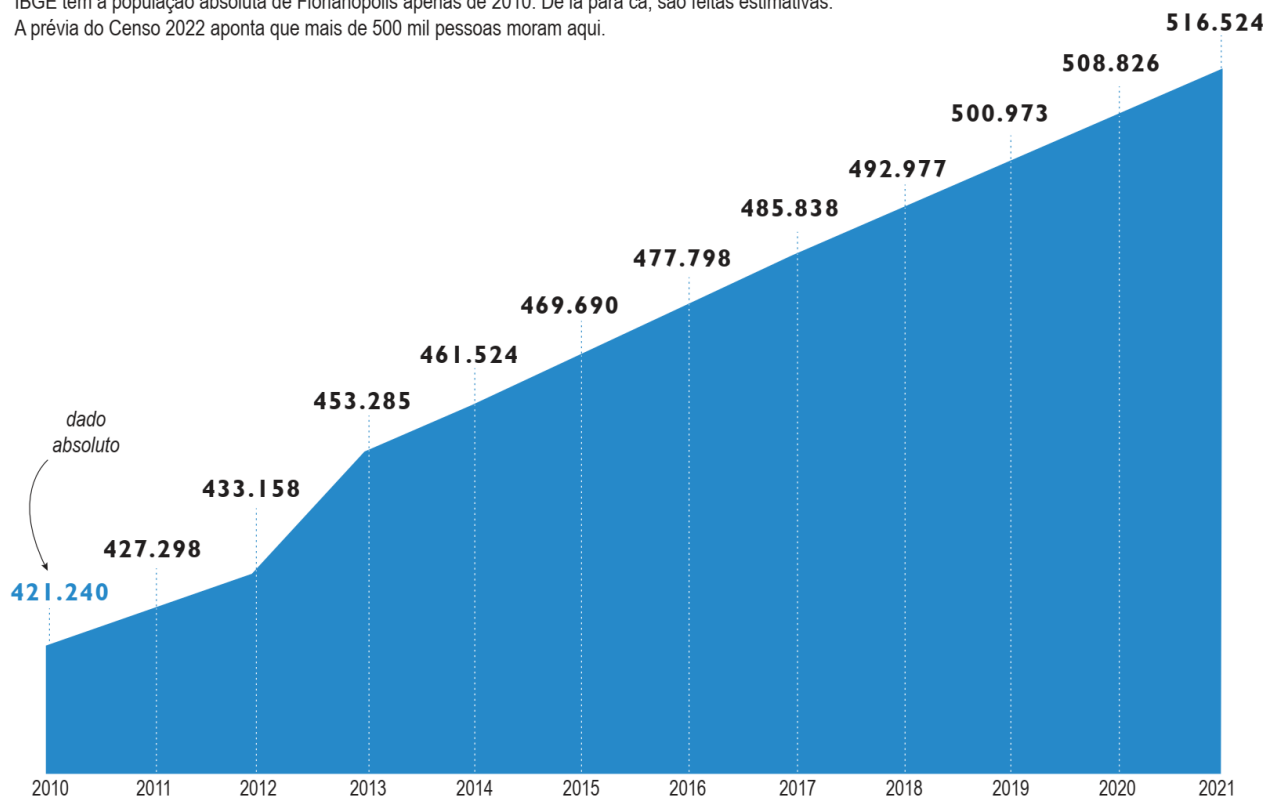
Em nota, a prefeitura de Florianópolis disse que tem direcionado esforços para identificar zonas críticas em relação à mobilidade urbana. Uma das respostas previstas, diz o município, é a operação do binário nos bairros Pantanal e Carvoeira. Além disso, tem o incentivo ao uso do transporte coletivo com iniciativas como transporte gratuito ao final de semana na alta temporada.



A história de Alésio e outros seis pessoas que você verá nas próximas seis páginas faz parte do projeto Floripa 350 anos, que celebra o aniversário da cidade. De março até dezembro serão contadas histórias sobre a cidade para celebrar a cultura, história e também sobre como Florianópolis cresceu ao longo dos anos.

COMO A POPULAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS CRESCEU NOS ÚLTIMOS 12 ANOS?

IBGE tem a população absoluta de Florianópolis apenas de 2010. De lá para cá, são feitas estimativas. A prévia do Censo 2022 aponta que mais de 500 mil pessoas moram aqui.



Fonte: IBGE - Estimativas de População



ENCICLOPÉDIA VIVA, MANEZINHO TENTA MANTER VIVA A HISTÓRIA DE FLORIANÓPOLIS

TIAGO GHIZONI

Alésio dos Passos mora na casa onde nasceu e tem um jardim que abriga mais de 700 espécies de plantas

Alésio dos Passos luta (mesmo que involuntariamente e até sem perceber) para que as histórias de Florianópolis e as dele não sejam vítimas de uma esquina do tempo e se percam. Manezinho da Lagoa da Conceição, no Leste da Ilha, ele ocupa o lugar no mundo que já foi do avô e da mãe. A casa onde mora desde que nasceu abriga hoje mais de 700 espécies de plantas no jardim – que ele faz questão de chamar de coleção.

As plantas de diferentes países, formas e cheiros ajudam Alésio a guardar num espaço físico os 73 anos de vida. Conta com exatidão – e apenas com o auxílio da memória – o nome popular, científico e a função de tudo que plantou. É uma enciclopédia viva com formação em Estudos Sociais, especialização em Educação Ambiental e pós-graduação em Gestão da Educação.

A ligação com as plantas surgiu na vida do manezinho ainda na infância. Ele lembra do jardim mais modesto, mas já cheio de plantas que os pais mantinham. Dali saíam chás, temperos e infusões que combatem as mais variadas doenças. O conhecimento veio como herança e hoje são as plantas que contam sobre ele. Por meio delas se tornou um bruxo e “eco inconveniente”, como foi apelidado de forma jocosa, mas acabou gostando. Saber a etimologia, a função e cheiros de cada uma deu a Alésio uma profissão: especialista em plantas medicinais.

O homem de pouco mais de 1,68 metro e dono de uma longa barba branca se embrenha no jardim à procura da pimenta da Jamaica, xodó dele, para contar uma história. As folhas exalam até quatro perfumes diferentes, motivo que encanta Alésio e que dei-

xa escapar características marcantes da personalidade: atenção e apreço aos detalhes.

São essas mesmas características que estão presentes na forma com que ele fala de Florianópolis. Alésio lembra da infância, do silêncio e escuro que marcaram esse período da vida. Silêncio porque parte dos sons que ouve hoje – vai e vem de carros, televisões, música nos celulares, por exemplo – não existia no passado.

Já o escuro era a marca do fim do dia. Não é como se agora o céu não escurecesse, diz Alésio, mas é que antes dava de ver os vagalumes e hoje, acredita o manezinho, muitas crianças nem sabem o que é esse bicho. Sem luz elétrica, ele e a família se recolhiam logo que o sol deixava de brilhar. Era melhor descansar assim, confidencia.

A Florianópolis da infância de Alésio tinha mais peixe e menos gente de fora. Entre as memórias, lembra quando viu os primeiros turistas e quando a luz chegou à Lagoa da Conceição, em 1910. Dos carros que desciam do morro “abre-alas” do bairro e se tornavam atração para os moradores.

Apesar de o manezinho tentar manter e ter apreço pelas raízes, a cidade mudou com o tempo nessas sete décadas em que ele vive. Ele sabe e não está parado no tempo. É ativo no WhatsApp e no Instagram. Na última responde às dúvidas que chegam via DM sobre as plantas e funções medicinais. Não prescreve o uso e nem dosagens, pois não é médico, como gosta de frisar. Faz questão de contar uma história que não está nos livros: a história da vida dele. Fala das bruxas, do crescimento desordenado dos entornos da Lagoa da Conceição, das andanças por pelo

menos 250 dos 295 municípios do Estado, da paixão pela praia e especialmente banho de mar (“Isso cura tudo”, diz Alésio), de quando encontrou uma foto dele em uma exposição na Europa, das casas dos parentes que rodeiam à dele. Comenta das receitas que a companheira faz usando PANC (Plantas Alimentícias Não Convencionais), do antigo mercado que passou de geração em geração e que continua indo e também de que gosta de comer peixe. Comenta das duas filhas, do Morro da Lagoa e do passeio de barco que fez há cinco anos e que o lembrou que Florianópolis é de fato uma ilha:

– A gente está tão aqui que esquece disso.

A Florianópolis de Alésio é a coleção de plantas, o bairro João Paulo onde ele encontra os amigos pescadores, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) onde ele ministra aulas e participa de palestras, o Campeche onde mora uma das filhas, o bar do Betinho do Deça da Lila onde ele vai com frequência e a Igreja da Lagoa da Conceição.

MAIS DE 295 MIL CATARINENSES VIVEM EM FLORIANÓPOLIS

Alésio faz parte dos 295 mil catarinenses que moravam em Florianópolis quando os recenseadores do IBGE bateram às portas dos moradores de Florianópolis atrás de informações para compor o Censo de 2010.

Apesar de já ter prévias do Censo de 2023, o IBGE ainda não diferenciou os dados de quantas pessoas de fora moram aqui atualmente. O que já foi divulgado é que a população cresceu. Conforme dados divulgados até março, são 574,2 mil com DDD 48.

>> SEGUIE >>

BAILARINA CARIOCA ESCOLHEU FLORIANÓPOLIS PARA SEGUIR NA DANÇA

A dança levou Athenè Tamisier para o mundo e fez a fluminense de 65 anos fixar residência em Florianópolis há 17 anos



A dança levou Athenè Tamisier, 65 anos, para o mundo. Por causa dela, a bailarina viajou e conheceu dezenas de países como a França, China, Estados Unidos e lugares pelo Brasil. Mas foi em Florianópolis que resolveu criar raízes.

Uma delas é a escola de dança que abriu dois anos após se mudar para a Capital em 2006, em função do trabalho do marido. São duas salas de aula, uma de troca e uma lojinha que dão forma ao sonho da bailarina fluminense. O local é o único na cidade com certificado da Royal Academy of Dance, uma certificação internacional reconhecida em 85 países.

No espaço, senhoras já idosas, mulheres já adultas e crianças ainda pequenas se transformam em bailarinas. Vestem o traje completo com direito ao coque e sapatilha. Pulam em um pé só, se balançam pela sala toda e grudam as mãos nas barras de ferro para cumprir os exercícios passados pela professora exigente.

Athenè insiste nos movimentos delicados, em que a mão percorre o ar com leveza e os pés podem alcançar a altura do quadril em determinados momentos. Ela faz questão de passar por cada uma delas, momento em que a expressão facial se modifica. Franze cada músculo do rosto e checa com atenção se a pirueta ou exercício foi executado com exatidão.

Sozinha desde a pandemia, ela se divide nas funções de professora, vendedora de itens de balé e administradora. Enquanto dá aula para as alunas de balé de ponta (um tipo de sapato com estrutura na extremidade que permite ficar com o pé em 90°), chega uma cliente procurando por um shorts.

– Comecem o aquecimento, quando eu chegar vou direto para o exercício – disse Athenè às alunas, enquanto passava a senha do Wi-Fi para a cliente.

O telefone toca no meio da confusão e cai na caixa de mensagens. Era uma aluna avisando sobre uma falta na próxima aula. Athenè atende cerca de 40 alunas na escola. O número flutua, explica ela, mas já foi maior antes da pandemia. A rotina da professora atarefada se restringe muito à Rua Joe Collaço, na parte em que já é o Córrego Grande. É ali, na escola, que passa os dias, das 8h às 22h, com pausa para o almoço em casa, quando dá.

MAIS DE 7 MIL FLUMINENSES VIVEM EM FLORIANÓPOLIS

A família, que é composta pelo marido Serge Tamisier e pelo filho Youry, também construiu raízes no Saco dos Limões, bairro que mais parece um pedaço de interior no meio da cidade grande. Tem a praça como ponto de encontro, mais casas que prédios e um terminal de ônibus desativado.

Quando sobra um tempo livre, Athenè aproveita para curtir cantos da Ilha que ficam distantes do ateliê de dança. E o caso da Praia do Forte, no Norte da Ilha, uma das favoritas.

A bailarina dedicou a vida à dança e não consegue se ver fazendo outra coisa. Não consegue nem imaginar o que seria outra coisa. A Florianópolis de Athenè, que ela não troca por nenhum lugar no Brasil, é o estúdio de dança que abriga e materializa o amor pela dança, o Córrego Grande onde o espaço está instalado, o Saco dos Limões onde vive com a família, a praia do Forte que vai para fugir do agito, os palcos ou cadeiras do Teatro Álvaro de Carvalho e do Centro Integrado de Cultura (CIC).

Athenè faz parte dos 7 mil fluminenses que moravam em Florianópolis quando os recenseadores do IBGE bateram às portas dos moradores de Florianópolis para compor o Censo de 2010.

IMIGRANTE SÍRIO VENCEU A BARREIRA DA LÍNGUA PARA VIVER EM FLORIANÓPOLIS

Inquieto, Mouayad Faruk, 27 anos, só sentou-se depois de ajustar as luzes do restaurante que comanda, ligar o ar-condicionado e depois o ventilador, ir ao estoque e, em seguida, ao banheiro e de explicar a um casal desavisado que o local só abriria mais tarde. “Sou assim”, repetiu por várias vezes, o sírio que considera Florianópolis o melhor lugar do mundo (a comparação vale para todas as cidades por aí mesmo, mas em especial São Paulo, onde ele morou antes de vir para cá e que não volta de jeito nenhum).

Parou no Brasil pelo mesmo motivo que tantos outros sírios: não aguentava mais o horror da guerra que já dura 13 anos. A vida tornou-se cinza e a morte era visita constante de Faruk e a família dele. Despediam-se de amigos e familiares quase todas as semanas. Quando tinha quase 18 anos, ele foi embora sozinho. Deixou para trás, mãe, pai, irmão e a vida que tinha no país.

O Brasil não foi a primeira parada. Trabalhou e morou por um tempo no Líbano, país natal da mãe, e no Egito, mas resolveu arriscar e vir para um país que só conhecia pelas notícias. Morou em São Paulo por três meses até criar coragem e mudar-se para Florianópolis, em 2015:

– Quando estava em São Paulo, queria voltar para a Arábia porque São Paulo é muito doído, não dá para morar. Eu estava torcendo para Deus mandar uma oportunidade melhor e aí abracei Floripa – conta Faruk.

Encantou-se ainda no avião com o que viu sobrevoando a Ilha. Os olhos brilharam e nele acendeu uma sensação de pertencimento. Trabalhou sempre com comida e gastronomia árabe. Primeiro como funcionário e depois como empresário no restaurante que montou, o Faruk. Nome que veio de um personagem interpretado por ele em um filme em São Paulo. Ele foi o protagonista e emprestou ao personagem a vivência na Síria, já que os dois eram imigrantes que vinham para o Brasil tentar prosperar.

A maior barreira na nova terra foi a língua. São poucos os fone-mas do português brasileiro que parecem os do árabe. Para aprender a falar como os brasileiros, ele passou a ouvir com atenção. Conheceu gírias com colegas, palavras de afeto com uma ex-namorada e outras tantas com clientes e pessoas na rua.

– O povo aqui é maravilhoso. Quando vê alguém de fora é bem receptivo – descreve Faruk.

Diz que hoje fala melhor do que escreve e fala melhor gírias e o linguajar do cotidiano. Mas ainda tem dificuldade para entender o que dizem os apresentadores de telejornais, comenta.

MAIS DE 4 MIL ESTRANGEIROS VIVEM EM FLORIANÓPOLIS

A Florianópolis de Mouayad Faruk é o pé do Morro da Cruz, onde está instalado o restaurante de comida árabe legítima dele, e também o Morro da Lagoa da Conceição, onde foi a primeira unidade do estabelecimento. É a região da Avenida das Rendeiras, no mesmo bairro, onde adora passear e também a trilha da Lagoinha do Leste, lugar onde se apaixonou pelas formas de Florianópolis.

– Quando vi a vista de lá, pensei: “O que eu estava na Arábia até agora?”. Falei que Deus me escolheu para descobrir isso – completou rindo.

Faruk faz parte dos 4 mil estrangeiros que moravam em Florianópolis quando os recenseadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) bateram às portas dos moradores de Florianópolis atrás de informações para compor o Censo de 2010.

>> SEGUIE >>



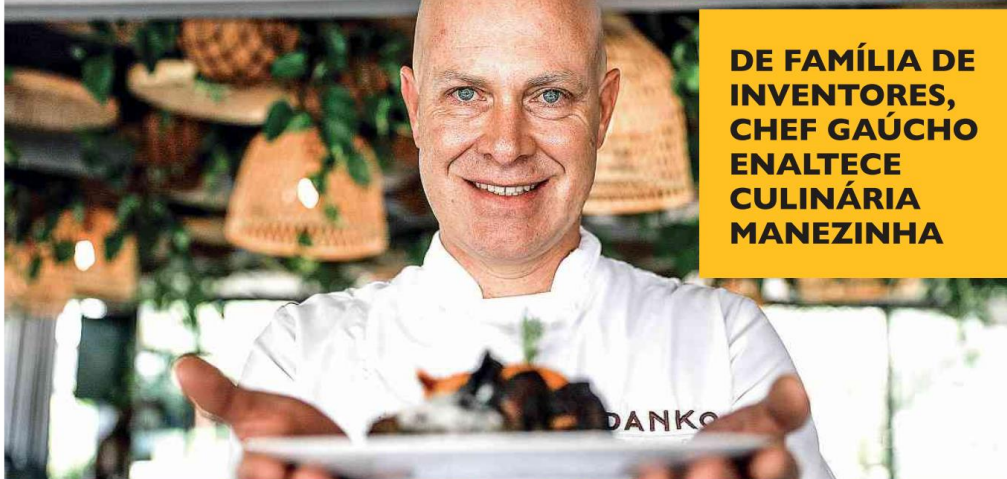
O imigrante sírio Mouayad Faruk faz parte dos 4 mil estrangeiros que vivem em Florianópolis

**A fotógrafa
Fernanda
Marcondes faz
parte dos 19
mil paulistas
que moram
na Capital de
Santa Catarina**



**PAULISTA FOI
ACOLHIDA POR
FLORIANÓPOLIS
E FAZ PLACAS
INDICANDO
PONTOS DE
ABDUÇÃO**

**Natural de Porto
Alegre, o chef
de cozinha Igor
Krupp criou um
prato especial
para celebrar o
aniversário de
Florianópolis**



**DE FAMÍLIA DE
INVENTORES,
CHEF GAÚCHO
ENALTECE
CULINÁRIA
MANEZINHA**

**Há 20 anos, a
violinista Iva
Nunes Giracca se
apaixonou por
Florianópolis
e deixou Santa
Maria (RS),
cidade natal,
rumo ao novo lar**



**VIOLISTA
GAÚCHA
ADOTOU
FLORIANÓPOLIS
COMO LAR
E PELA
EFERVESCÊNCIA
CULTURAL**

Foi coisa de força magnética, chakras alinhados, estrelas cadentes e tudo mais que possa ser explicado pela energia, que atraiu Fernanda Marcondes para Florianópolis. Natural de Salto (SP), mudou-se sem conhecer nada e aqui se encontrou.

A vinda foi em 2019 a bordo de um Fusca que é o xodó dela. Lembra com facilidade das primeiras coisas que fez por aqui: conheceu a Praia da Armação, no Sul da Ilha, e depois o mar do Matadeiro. Foi a água gelada, típica da área, que recebeu a fotógrafa numa espécie de batismo ou renascimento. Desde então ela tornou-se manezinha honorária e defensora/usuária da natureza de Florianópolis.

– Fui adotada pela ilha! – exclama Fernanda.

E foi mesmo. Não do jeito tradicional com cartório, Justiça e mudança de sobrenome. Foi uma adoção em que a natureza é a mãe e a fotografia o pai. Fernanda é a filha feliz deste casamento e ganhou de herança a habilidade em clicar as trilhas e o mar.

As fotos que tira, Fernanda emoldura e vende na

feira de artesanato de Santo Antônio de Lisboa, no Norte da Ilha. O estande de lona azul em que trabalha pelo menos três dias da semana é formado por duas mesas recheadas de fotos nos mais diferentes formatos. São pôsteres, quadros, postais. Os mais vendidos são imagens da Ponte Hercílio Luz.

Mas o preferido dela é a imagem que fez da Praia de Naufragados, clicada na primeira vez que esteve lá. A fotografia foi premiada, escolhida em meio a outras 15 mil em um concurso. Mas essa não foi a única vez em que o trabalho de Fernanda sobre a Ilha ficou em evidência. É dela a ideia, o trabalho e a instalação da placa que indica que o ponto da Coroa, na trilha da Lagoinha do Leste, é área de abdução alienígena. O espaço, que já tem a mística das bruxas da Ilha, também é um ponto energético importante:

– Acredito muito que não somos os únicos – diz Fernanda, olhando para cima.

A placa, que virou ponto turístico, foi feita com madeira de construção reciclada e pintada com es-

malte. Foi ela mesmo quem instalou o ponto sem saber a dimensão que aquilo ganharia ao ser postado na internet. Quando Fernanda resolveu compartilhar com os poucos seguidores a placa que fez, descobriu on-line que o objeto já tinha virado ponto turístico. Agora, quer instalar em outros espaços pela Ilha, todos simbólicos para ela e para a Ilha.

A Florianópolis de Fernanda é o quadrado que ocupa alguns dias da semana em Santo Antônio de Lisboa, onde vende sua arte. É também a Lagoa da Conceição, onde morou logo que se mudou. É também todas as trilhas que levam às praias da cidade. É ainda o Norte da Ilha, mais precisamente o bairro Ingleses, que é onde ela mora hoje com as duas cachorras e o companheiro. Conta que faz tudo a pé pelas ruas, conhece os vizinhos e está perto do mar.

Fernanda faz parte dos 19 mil paulistas que moravam em Florianópolis quando os censoadores do IBGE bateram às portas dos moradores de Florianópolis para compor o Censo de 2010.

A família Krupp é de uma linhagem de inventores. Segundo Igor, o mais novo, o avô foi um dos responsáveis pela tecnologia de muitos cortadores de grama. Já o pai dele estaria por trás do acendedor elétrico de fogões. Em muitas das casas do país, há um pouco dos Krupp. O último na geração citada não deixou de lado a criatividade. Juntou o que ouviu das amigas manezinhas da sogra com os conhecimentos culinários dele para criar um prato que homenageia Florianópolis. Ele é só mais um dos muitos que saem da cabeça do chefe de cozinha com voz de locutor de rádio.

Igor é gaúcho de Porto Alegre e se formou em jornalismo nos anos 1990. Trabalhou em rádios pelo estado vizinho até que em 2005 foi estudar gastronomia na França. A paixão e o gosto por cozinhar também podem ser consideradas heranças da família. Via a mãe preparar banquetes e se animava com aquilo. Quando voltou ao Brasil, Florianópolis entrou na rota de visitas constantes.

Ele conta que um dia, encantado com o sabor

das ostras, almoçou o prato em cinco restaurantes diferentes no mesmo dia. Um pouco de ostra in natura, ao bafo, gratinada. Todas as formas como o molusco produzido por aqui é servido, agradeu o chef. Quando decidiu mudar para cá e passou a trabalhar em um restaurante, que mesmo longe do mar geograficamente (fica no meio da SC-401), serve mexilhões, ostras, polvo e camarão nas opções de entradas e pratos principais.

O homem alto se move pela cozinha sem que nada o atrapalhe. Assistir Igor na frente fogão num contorcionismo para cuidar do tempo de preparo de ingredientes espalhados em três painéis, é como ver alguém dançar. Corta aqui, joga li, tempera de lá. E voilá: mais uma porção de dazumbanho, prato que criou para o aniversário de Florianópolis e que está no menu do restaurante onde é chef.

O prato tem como elemento central uma estopa de peixe, que é uma forma de servir o produto mais desfiadinho. É uma forma clássica da culinária local e que caiu em desuso. Quem contou sobre essa

receita foram amigas da sogra do chef, que lembraram de preparar o alimento assim na infância.

Para dar formato de disco, ele adiciona ao peixe um pouco de batata. O prato tem ainda um suflê de cenoura, que na composição lúdica proposta por Igor, representa as dunas de areia como as da Praia da Joaquina. Tem também berinjelas marinadas na cerveja, que representam os costões. Uma espuma de caipirinha completa o prato. Uma cachaça do Ribeirão da Ilha é colocada para lembrar do mar.

O prato feito pelo chef ajuda a entender a Florianópolis dele. Tem muito do mar de Canasjurerê (porção final do bairro Canasvieiras e início de Jurerê) onde ele gosta de acompanhar os pescadores e escolheu viver. Tem também o Ribeirão da Ilha, na outra ponta da cidade, e onde ele come ostras dos produtores locais. É também a SC-401, onde está o Danko, restaurante em que ele trabalha.

Igor faz parte dos 53 mil gaúchos que moravam em Florianópolis quando os censoadores do IBGE atuaram para compor o Censo de 2010.

É uma segunda-feira qualquer e o barulho normal do dia (carros, buzinas, gritos de crianças) é interrompido pela dramaticidade de violinos, violoncelos, violas e contrabaixos. O som alto vem de uma casa na Rua Joe Collaço, área majoritariamente residencial de Florianópolis, mas que abriga um ou outro comércio.

Quem produz a melodia é um grupo heterogêneo de músicos. Mas quem chama atenção é uma violinista de cabelos grisalhos abrigados em um corte moderno e roupas e acessórios coloridos. Iva Nunes Giracca, 45 anos, é uma gaúcha de Santa Maria que há 20 anos se apaixonou por Florianópolis e resolveu que aqui seria o lar dela.

A casa de onde parte a melodia é na verdade o “QG” da Camerata de Florianópolis. O grupo foi fundado em 1994 pelo maestro Jefferson Della Rocca. A história de Iva com os músicos da Capital começou primeiro com um show único:

– Naturalmente é muito fácil se encantar por

essa cidade, que é maravilhosa – diz Iva.

No ensaio de segunda, Iva sentou-se bem próxima ao maestro Della Rocca. Só tirava os olhos das partituras espelhadas em um tablet quando ele interrompia a música para fazer uma observação ou contar uma história. Estava atenta. Atenção é uma característica que a música deixa transparecer.

Iva percebeu quando o grupo de violinistas não conseguiu entrar na música no compasso certo. A gaúcha também se apressou para falar sobre as roupas que os colegas deveriam usar na gravação de um clipe (só tecidos que não façam barulhos) e também repetiu baixinho as datas dos próximos eventos, ditos pelo maestro, mas que ela já tinha decorado.

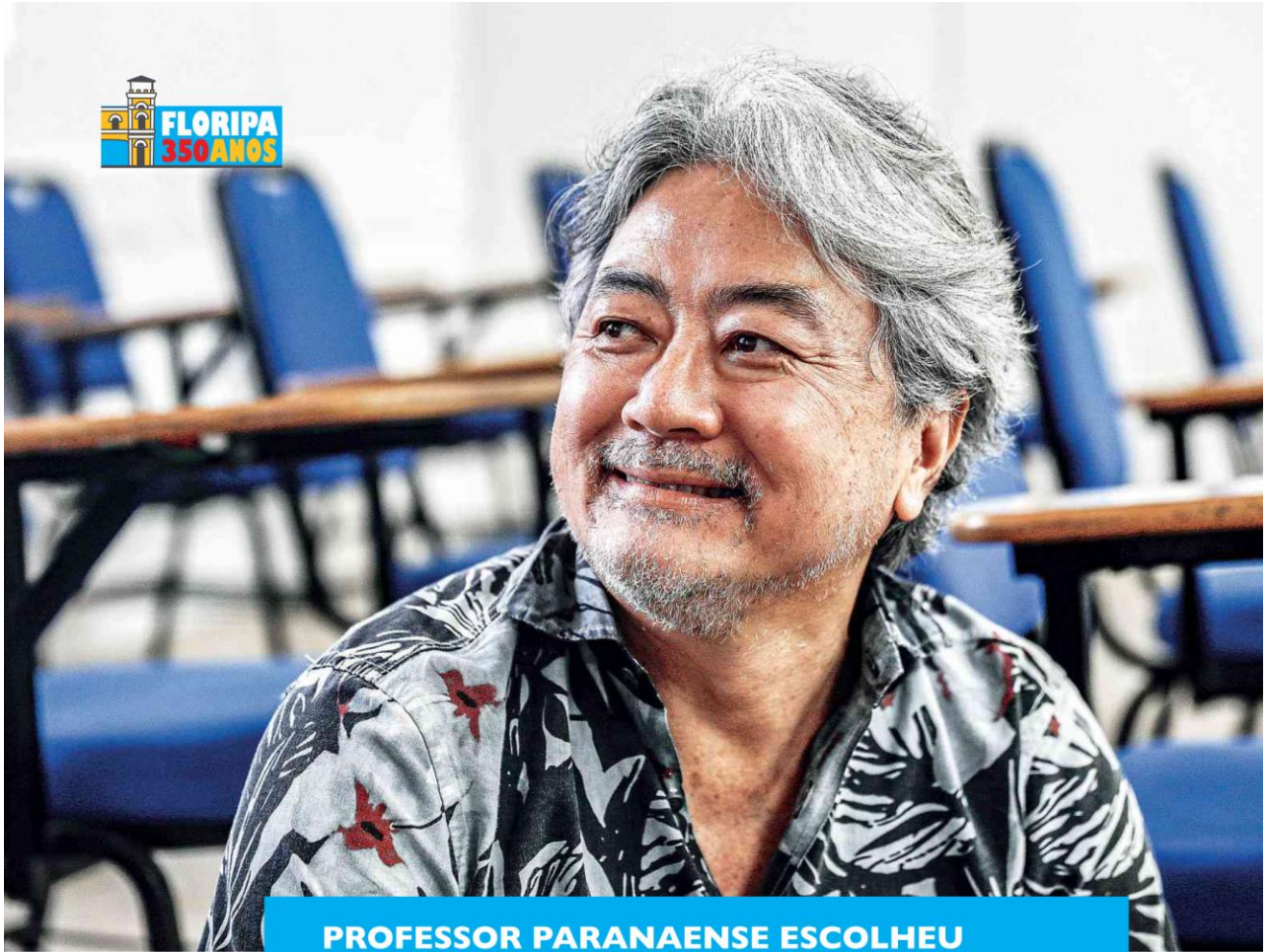
A violinista experiente dispensa o pronome de senhora nas conversas informais e usa um dueto gravado com o marido Roger Corrêa como cartão de visitas do canal no YouTube. Ela no violino e ele no acordeon. A dupla já está junta há três anos.

O casal vive na Agrônoma, bairro que acolheu

a violinista há duas décadas. A Florianópolis de Iva é ali, mas é também o Centro Integrado de Cultura (CIC) – para onde geralmente se desloca de bicicleta elétrica, muitas vezes de vestido de gala e sapato de salto alto –, um canto da ponta do Sambaqui próximos às pedras e árvores e o Espaço Cultural Wagner Segura.

Esse último representa para Iva muito do que a cidade é: um local de efervescência cultural tão ativo e cheio de representantes como Barcelona e Nova York. A casa transformada em espaço cultural há um ano recebe cantores, professores de desenho, de artesanato e músicos como a violinista.

Tocar ali é parte de uma agenda atribulada da música que tem como certeza não ter rotina definida. O domingo, dia de descanso para a maioria, para ela é muitas vezes um dia de trabalho. Tem mala pronta para viagem e pelo menos oito opções para eventos mais formais ou menos. Diz não saber se trocaria a música por outra coisa. >> SEQUE >>



PROFESSOR PARANAENSE ESCOLHEU FLORIANÓPOLIS COMO LAR HÁ 30 ANOS

Há três décadas, o paranaense Silvio Y. Sato, de Maringá (PR), adotou Florianópolis como lar

Na época do Orkut era comum encontrar comunidades em que as pessoas entravam por questão de pertencimento ou porque achavam o título engraçado, ou porque queriam viver experiências on-line fingindo ser outras pessoas (estamos falando aqui daquelas contas fakes que simulavam uma realidade paralela). Mas, alguns grupos se juntavam para elogiar alguma personalidade, algum amigo e até mesmo um professor. Certamente se a rede social já falecida ainda estivesse entre nós, Silvio Y Sato teria uma página homenageando-o com milhares de membros.

A “Eu já tive aula com Silvio Y Sato” teria alunos de colégios de Florianópolis e também algumas dezenas de amigos e admiradores do professor de biologia. A descrição da página certamente mencionaria que ele é aquele tipo de gente naturalmente cativante e com um senso de humor que dá inveja em comediantes de stand-up.

Natural de Maringá (PR), ele escolheu morar na capital catarinense há 30 anos para estudar Biologia na Universidade

Federal de Santa Catarina (UFSC). Conheceu uma Florianópolis sem trânsito e mais segura. Silvio lembra de andar a noite pelas ruas com tranquilidade e que na época a cidade era tida como queridinha dos paranaenses “junto com Balneário Camboriú”, conta Sato.

MAIS DE 22 MIL PARANAENSES VIVEM EM FLORIANÓPOLIS

Escolheu a Trindade como lar e lá está há três décadas vivendo com o barulho de universitários cada vez mais jovens e aventureiros. Mas estar perto de recém-adultos e adolescentes não é problema para um professor que leciona para o Ensino Médio e cursinho preparatório de vestibular. A rotina é de salas de aula cheias, quadros ultra tecnológicos e caminhadas de cinco minutos entre os dois colégios em que dá aulas. Sobra um tempinho ainda para ser um divulgador cultural ativo (pelo menos duas postagens no dia sobre algum lugar bacana ou um show no Instagram) e para dar passeios pelo Centro da cidade.

Silvio é como uma celebridade para parte dos alunos. Ao andar no Centro é parado por uma dupla que faz questão de abraçar e acompanhar o professor por um trecho. Comentaram sobre a aula, o Carnaval e se despediram. Ver a cena é tipo presenciar um encontro entre fã e ídolo.

A Florianópolis de Silvio são as escolas onde trabalha e as ruas do Centro onde passeia para tirar fotos, os murais enormes feitos por amigos em prédios da cidade, os barzinhos descolados da Rua Victor Meirelles, as praias do Moçambique e da Barra da Lagoa para onde vai de vez em quando, os shows dos artistas que vêm para cá e a Trindade, que apesar da troca de apartamentos ao longo dos anos, não deixou de ser o lar dele.

– Adoro o que faço e adoro minha vida aqui – diz Silvio, com um sorriso no rosto.

Silvio faz parte dos 22 mil paranaenses que moravam em Florianópolis quando os recenseadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) bateram às portas dos moradores de Florianópolis atrás de informações para compor o Censo de 2010.

Floripa Faz Bem

“Fortalezas da Ilha são espaços de memória da história”

Fortalezas da Ilha são espaços de memória da história / Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim / Fortaleza São José da Ponta Grossa / Fortaleza de Santo Antônio de Ratores / Roberto Tonerer / Projeto “Restauração das Fortificações Catarinenses” / BNDES / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

FORTALEZAS DA ILHA SÃO ESPAÇOS DE MEMÓRIA DA HISTÓRIA

Construídas para proteger o território, fortificações são legado do passado da cidade

PASSE PARA A PRÓXIMA PÁGINA



Utis possidetis é um antigo princípio do direito romano que determina que as pessoas que ocupam um território são as que realmente têm posse sobre ele. Não tão antigas como esse conceito, mas igualmente importantes para a história de Florianópolis, são as fortalezas de Santa Cruz de Anhatomirim, São José da Ponta Grossa, Santo Antônio de Ratores e Nossa Senhora da Conceição de Araçatuba. Se a capital do Estado existe como a conhecemos hoje, é devido à ação militar, comercial e alfandegária dos fortes, e também da imigração açoriana que povoou a ilha.

A primeira e maior corrente migratória para o que hoje é Florianópolis foi de famílias açorianas, que vieram a pedido do militar, engenheiro e administrador colonial português José da Silva Pais. Com o objetivo de povoar a região, produzir alimento para as tropas que aqui se instalavam e, eventualmente, contar com a força dos jovens filhos dos casais que vinham dos Açores para cá, Silva Pais — idealizador do projeto das fortalezas e primeiro governador de Santa Catarina —, iniciou a vinda das famílias açorianas e, até 1756, estima-se que mais de 6 mil emigrantes tenham vindo para os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Roberto Tonerer, arquiteto da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenador do projeto “Restauração das Fortificações Catarinenses” junto ao BNDES, explica que o mapa do Brasil é desenhado por fortificações, tanto no litoral quanto nas fronteiras a oeste.

— Nosso país é pontilhado por essas construções, que ajudavam a garantir a posse efetiva do território. As fortalezas são exemplos de um princípio que os exércitos usam até hoje, demonstrar sua força não para fazer guerra, mas para evitá-la.

O chamado “triângulo de fogo” é formado pelos fortes de Santa Cruz de Anhatomirim, São José da Ponta Grossa e Santo Antônio de Ratores. Localizados, respectivamente, na ilha de Anhatomirim (Governador Celso Ramos), Ratores Grande e na Praia do Forte (Florianópolis), as construções foram feitas pelos por-



Fortaleza de Ratores

tugueses para conter os avanços militares do exército espanhol que, em 1777, invadiu e ocupou a região.

— Se não fossem as fortalezas, talvez hoje nós falássemos espanhol em Florianópolis. Os espanhóis ficaram aqui por um ano e, por meio de tratados diplomáticos, a ilha foi devolvida aos portugueses.

No entanto, as fortalezas não possuíam apenas funções militares. O forte de Anhatomirim, o maior e primeiro a ser construído, ainda em 1739 — era, inclusive, conhecido como “fortaleza capitânia”, por coordenar todas as outras — servia também como posto de registro de todas as embarcações e pessoas que passavam pela região, vindas tanto do norte quanto do sul, como posto alfandegário e de controle de doenças. Em uma época em que males como cólera, tifo e febre amarela poderiam dizimar uma vila inteira, era necessário fazer períodos de quarentena e tratar os doentes antes que eles desembarcassem na então Desterro.

Em Ratores Grande, a Fortaleza de Santo Antônio de Ratores teve sua construção iniciada em 1740. Esse era o local para onde iam as pessoas com casos mais agravados.

— Lá havia um “lazareto” que servia de espaço para aqueles que pre-

cisavam de isolamento. As doenças da época não tinham cura, remédio ou vacina. Poucos se salvaram — conta Tonerer.

FORTIFICAÇÕES ARRUINADAS

Além das fortalezas que estão sob a administração da universidade e dos fortes Santana e Santa Bárbara, a região de Florianópolis teve ainda outras edificações que hoje já não existem mais ou das quais sobraram apenas as ruínas. Exemplo disso é o Forte São João, no Estreito; tombado pela Fundação Catarinense de Cultura, já não estava em boas condições à época da construção da ponte Hercílio Luz, em 1926, e foi aterrado para a obra. Ele havia sido construído em 1776, um ano antes da invasão espanhola, e os mapas espanhóis do período mostram essa fortificação.

Outro forte, já mais recente, é o Marechal Moura. Datado de 1909, é uma construção brasileira, diferentemente dos outros que foram erguidos ainda pelos portugueses. Localizado ao lado do Farol dos Naufragados, era um forte de artilharia, protegendo a região de navios e submarinos que passavam pela parte sul da ilha.

— Havia dezenas de fortificações na região que hoje é a Avenida Beira-mar Norte, e alguns foram encontrados acidentalmente em trabalhos de urbanização da cidade na década de 1990 — diz Tonerer.

De acordo com o especialista, é preciso saber onde há potencial arqueológico.

— No entanto, não podemos mais encontrar coisas acidentalmente... Em frente ao Beiramar Shopping, há uma praça onde ficava o antigo Forte São Luís, por exemplo. Nós sabemos onde ficavam essas edificações, podemos georeferenciar, e é necessário um acompanhamento.

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (18.03 – 24.03.2023)

Floripa Faz Bem

“Com requalificação, as fortalezas se transformam em espaços de cultura e educação”

Com requalificação, as fortalezas se transformam em espaços de cultura e educação / Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim / Fortaleza São José da Ponta Grossa / Fortaleza de Santo Antônio de Ratonos / Roberto Tonerá / Projeto “Restauração das Fortificações Catarinenses” / Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social / BNDES / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC



COM REQUALIFICAÇÃO, AS FORTALEZAS SE TRANSFORMAM EM **ESPAÇOS DE CULTURA E EDUCAÇÃO**

Fortaleza de Anhatomirim recebe R\$ 50 milhões do BNDES para restauração e projetos de arte, cultura e educação

Há quase 300 anos, quando o militar, engenheiro e administrador colonial português José da Silva Pais, primeiro governador de Santa Catarina, idealizou as fortalezas que são um ponto turístico da ilha, Florianópolis não se parecia em nada com o que é hoje. Inclusive, essas construções foram determinantes para que a região se desenvolvesse da forma como aconteceu, pois eram pontos estratégicos de defesa, controle de entradas e saídas, postos alfandegários e também de controle sanitário.

Sob gestão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), as fortalezas do “triângulo de fogo” — Santa Cruz de Anhatomirim desde 1979, e São José da Ponta Grossa e Santo Antônio de Ratonos desde 1990 — passaram por

processos de restauração e hoje são centros de cultura, que podem ser visitados pelo público. Existem ainda, no centro da cidade, o Forte Santana e o Forte de Santa Bárbara, que abriga o Centro Cultural da Marinha.

— Esses são os que estão de pé. A fortaleza Nossa Senhora da Conceição de Araçatuba, na ilha de Araçatuba, que fica entre a Praia do Sonho e a Ponta de Naufragados, no sul da ilha, está em ruínas e é um local de difícil acesso para restauração, mas existem projetos para isso. Costumo dizer que esse é o elo que falta para completar a restauração das nossas fortalezas — diz Roberto Tonerá, arquiteto da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenador do projeto “Restauração das Fortificações Catarinenses” junto ao

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Muitas ruas do centro da cidade, como a Esteves Júnior, foram abertas para dar acesso a fortificações que ficavam na atual Avenida Beira-mar Norte e, com a realização de pesquisas arqueológicas mais profundas, Tonerá acredita que seriam encontradas estruturas e materiais da época, como já aconteceu no ponto que hoje é a praça Esteves Júnior: lá se localizava o antigo Forte São Francisco Xavier e, em obras realizadas no fim da década de 1990, foram encontrados três canhões ingleses da época do rei Jorge II, da Inglaterra.

INVESTIMENTO PARA O FUTURO

Durante a pandemia, as fortalezas administradas pela universidade ficaram fechadas, e o forte São José da Ponta Grossa passou por uma obra de requalificação finalizada em fevereiro deste ano. Agora, o projeto para requalificação da fortaleza de Anhatomirim foi aprovado pelo BNDES com orçamento de R\$ 50 milhões e, nos próximos três anos, Tonerá coordena as atividades de restauração não só do espaço físico, mas também de ações de economia criativa.

— São 25 subprojetos nas áreas de fotografia, teatro, música, gastronomia, valorização do patrimônio imaterial, acessibilidade, educação patrimonial e ambiental. Um conjunto de fortalezas brasileiras que incluem as de Santa Catarina concorrem ao título de patrimônio da humanidade da Unesco, e esse nosso projeto une patrimônio material, imaterial e ambiental.

Esse investimento por meio do BNDES, segundo Tonerá, deve impulsionar as três fortalezas geridas pela universidade em seu desenvolvimento, como museus a céu aberto e como equipamentos culturais para a cidade. Por meio de um projeto ainda em estudo pela Prefeitura de Florianópolis, o arquiteto diz que a ideia é viabilizar o acesso às fortificações por meio do transporte marítimo com tarifa urbana, permitindo que os moradores da cidade e grupos escolares façam essa visita.

— Hoje, a visita às fortalezas é um passeio muito feito como turismo. Queremos intensificar o potencial cultural e educacional delas.

Declaradas Patrimônio Histórico nacional em 1938 e estadual em 2020, as fortalezas são grandes centros de cultura e memória de Santa Catarina. Entre as comemorações do aniversário de Florianópolis, está também a reinauguração da fortaleza Santo Antônio de Ratonos, em 27 de março.



Fortaleza de Anhatomirim

Notícias do Dia

Capa e Cidade

“Grupo ND “abraça” Florianópolis para comemorar os 350 anos da cidade”

Grupo ND “abraça” Florianópolis para comemorar os 350 anos da cidade /

Projeto Floripa 350 / Veleiro Eco / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina



Grupo ND “abraça” Florianópolis para comemorar os 350 anos da cidade

Pelos próximos dez meses, *todas as plataformas vão homenagear* e resgatar a história da Capital; projeto Floripa 350 terá shows, eventos esportivos, *ações e conteúdos especiais sobre a cidade*

Nícolas Horácio
nicolas.david@nd-
mais.com.br

Para uma data especial, uma comemoração à altura. Em homenagem aos 350 anos de Florianópolis, que a cidade completa na próxima quinta-feira, o Grupo ND quer “abraçar” a cidade com um projeto especial pelos próximos 10 meses. Shows, eventos esportivos, homenagens e conteúdos especiais sobre a história, a política e a cultura da Capital farão parte da comemoração, em todas as plataformas do grupo. O projeto é capitaneado pela NDTV, mas todos os veículos e profissionais da empresa estarão envolvidos nas ações. O lançamento do projeto Floripa 350 ocorreu na sexta-feira, num café da manhã no Hotel Majestic, em Florianópolis, oferecido a entidades públicas e privadas parceiras.

Presidente do Grupo ND, Marcello Corrêa Petrelli acredita que os 350 anos de Florianópolis serão um marco para a empresa, a cidade e para todos os envolvidos no projeto. “Vamos a fundo, desde o primeiro momento que Florianópolis existiu, contar as histórias, o processo indígena, a chegada dos açorianos, os processos de colonização. Também os processos culturais, artísticos, esportivos, econômicos, mostrar o que representam as empresas, as personalidades. Tem muita coisa para entregar e muita coisa em que vamos esmerar, trabalhar e nos empenhar”, afirmou Petrelli.

QUALIDADE PRESERVADA

O empresário disse, ainda, que nas viagens pelo Brasil, percebe que Florianópolis é uma das cidades mais cobiçadas do país. “Quem não quer morar na Ilha? Isso é maravilhoso. Mas tem o outro lado, que é cuidarmos bem dessa cidade, fazer com que ela possa sempre ter estrutura e condições para acolher seus moradores e aqueles que aqui vêm, mas preservando sua qualidade”, disse Petrelli.

O presidente agradeceu todos os envolvidos no projeto, incluindo patrocinadores, agentes públicos e colaboradores do Grupo ND. “Estou muito feliz, entusiasmado, motivado, e com muita responsabilidade e humildade. Não temos a pretensão de inventar nada, mas levar tudo que foram esses 350 anos, o que nos fez chegar aqui e, por último, provocar uma reflexão: para onde queremos ir e de que forma? Esse é o papel desse projeto. É o que vamos realizar em 2023”, explicou o presidente do Grupo ND.



Num ato simbólico, diretores e apresentadores do Grupo ND abraçaram o prefeito Topázio Neto

“Nós queremos abraçar e dar um grande presente para Florianópolis, tanto para quem nasceu quanto para quem escolheu morar aqui e construir nesse lugar a sua vida, família e negócios.”

Marcello Corrêa Petrelli,
presidente do Grupo ND



“É uma grande alegria e uma emoção poder contar essa história maravilhosa, da forma que estamos nos propondo a contar. Tenho certeza que ao longo do ano vamos surpreender e abraçar muito esta cidade e as pessoas que aqui vivem.”

Roberto Bertolin,
diretor regional do Grupo ND



Figuras marcantes e orgulho da cidade

Diretor regional do Grupo ND, Roberto Bertolin apresentou os detalhes do projeto. Antes, entretanto, convidou o sócio-diretor da agência Neovox, Fábio Veiga, que produziu peças publicitárias do projeto, para explicar o conceito. “Quem conhece o Grupo ND sabe que a energia do Marcello é contagiante. Costumo dizer que duas pessoas sempre me acordavam, o Topázio, que é um prefeito que liga para você, e o Marcello que, com essa energia, quando a gente vê, está envolvido e abraçado no projeto”, disse Veiga. Bertolin lembrou de figuras que marcam ou marcaram época na cidade, a exemplo

do político Hercílio Luz, dos escritores Delminda Silveira, Virgílio Várzea e Cruz e Sousa, dos artistas Vera Sabino, Martinho de Haro e Rodrigo de Haro, dos desportistas Fabiana Beltrame e Gustavo Kuerten. “Nossa preocupação é ter a capacidade de contar a história e convidar as pessoas para celebrar essa cidade e isso não se faz numa semana, num mês, precisamos de tempo para obter dois resultados importantes: ter orgulho da cidade e olhar para a história, o legado que foi construído por tantas pessoas e pensar o que vamos deixar para as próximas gerações”, ressaltou Bertolin.

“O que nos chamou atenção no projeto foram as iniciativas culturais, sustentáveis e esportivas. Práticas que estão no nosso DNA e alinhadas com nosso posicionamento de alavancar a qualidade de vida dos nossos clientes e de todos os cidadãos de Florianópolis, mesmo que indiretamente.”



Alexandre Groeler,
CEO do Grupo OAD

“A história das nossas instituições se mistura à história da própria Florianópolis, e para o Grupo Baía Sul, celebrar uma data tão importante quanto os 350 anos da nossa cidade representa a confirmação de que somos parte dessa sociedade, o que nos enche de orgulho.”



Sérgio Marcondes Brincas,
diretor-presidente do
Grupo Baía Sul

“Apoiar iniciativas que fortalecem as características culturais e sociais da cidade, como essa da ND, traz às pessoas o sentimento de pertencer a Florianópolis. Fazer parte da cidade e da região nos enche de orgulho.”



Jalmir Rogério Aust,
presidente da
Unimed Grande Florianópolis

História da cidade será contada em 10 etapas

Para contar a história de Florianópolis, o projeto Floripa 350 será dividido em 10 etapas, cada uma contando 35 anos de acontecimentos da cidade. “Faremos assim para que as pessoas façam essa leitura, o recorte da história e percebam a grandeza das coisas que foram construídas lá atrás”, explica Roberto Bertolin.

Para contar os detalhes da história de Florianópolis, o projeto tem a curadoria de quatro professores: Laudelino José Sardá, profundo conhecedor da história ilhéu; Lé-

lia Pereira da Silva Nunes, que vai auxiliar na parte cultural; Neri dos Santos, que ajudará nos aspectos econômicos e nas projeções para o futuro da cidade; e o colunista Moacir Pereira, o curador político do projeto. “Ninguém faz uma grande obra sozinho, então convidamos esse grupo seletivo de pessoas que têm toda condição de ajudar as nossas equipes a não falhar e não deixar nenhum ponto da história de fora”, declarou o diretor regional do Grupo ND.

O projeto também possui oito

pilares: celebração, vida ativa, legado para o futuro, valorização das belezas, resgate histórico, vidas reais, cultura e empreendedorismo que transforma. “Vamos promover várias atividades durante o ano e decidimos fazer pequenas atividades para conseguir circular pela cidade e esteja no Continente, no Sul e Norte da Ilha. Serão pequenas ações para que a gente possa ir abraçando cada um e para que cada um possa fazer conosco esse exercício de abraçar o outro”, destacou Bertolin.



Patrocínio:

Segundo Marcello Corrêa Petrelli, projeto visa também provocar a reflexão sobre qual Florianópolis queremos para o futuro



Diretores e colaboradores do Grupo ND com o prefeito Topázio Neto



Diretor regional do Grupo ND, Roberto Bertolin destacou que, além de resgatar histórias, as ações especiais vão honrar o legado da cidade

Prefeito elogia ação e garante programação especial para o aniversário

Presente no lançamento do Floripa 350, com parte do seu secretariado, o prefeito de Florianópolis, Topázio Neto (PSD), se impressionou pela escolha do slogan, que abraça a Capital. “O abraço, além do ato físico, tem essa troca de energia com a cidade. Quando você abraça Floripa, você entrega e recebe da cidade de volta muita energia”, comentou Topázio. Ele aproveitou o evento para anunciar que, no final de semana mais próximo da data do aniversário da cidade, isto é, em 25 e 26 de março, o transporte coletivo será gratuito na Capital.

“Por tudo que vi, não tenho dúvidas que o projeto já é um sucesso e vai continuar sendo por todo o ano. Por parte da prefeitura, vamos contribuir com uma programação bastante especial que começa na semana que vem e se estenderá até o final de março”, afirmou Topázio. O show de abertura será feito pela banda Dazaranha. Além disso, a Maratona Cultural 2023 será realizada em paralelo ao aniversário da cidade com mais de 300 eventos. No encerramento do evento, Bertolin chamou o presidente Marcello Petrelli para o palco, além de todos os diretores do Grupo ND. Lá estava o prefeito Topázio Neto, que recebeu um caloroso abraço da direção da empresa.

Leia mais na **página 6**

Ações do projeto Floripa 350 incluem música clássica em igrejas, maratonas, regatas e plantio de árvores

Entre os eventos culturais que serão realizados no projeto Floripa 350 durante o ano está a série de apresentações de músicas clássicas nas igrejas históricas da cidade, em bairros como Ribeirão da Ilha e Lagoa da Conceição. Entre os eventos esportivos, maratonas, corridas, passeios ciclísticos, trilhas, caminhadas e competições de futebol sete e futebol amador. E, em outubro, a regata final do Campeonato Catarinense de Remo terá um troféu oferecido pela NDTV para celebrar o aniversário de Florianópolis.

Nas ações que focam no legado para o futuro, o destaque fica com o plantio de 350 garapuvus, árvore símbolo de Florianópolis, em parceria com a prefeitura e a Floram (Fundação Municipal do Meio Ambiente). “O plantio é apenas uma ação didática. É um legado para o futuro? Sim, porque queremos que as pessoas olhem para esse plantio e pensem: se na minha casa eu separar o lixo adequadamente, também estou construindo um legado para o futuro”, afirmou Roberto Bertolin, diretor regional do Grupo ND.

Para mostrar Florianópolis por outros ângulos, por água, ar e terra, será feita uma expedição com o barco eco, que foi construído pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) com participação da NDTV. O barco vai circular no entorno da Ilha e do Continente para que as câmeras capturem ângulos que não são vistos normalmente. Para incluir a audiência do Grupo ND na celebração, durante todo o ano, a empresa terá uma linha direta com o público por meio do WhatsApp do Balanço Geral. Os telespectadores poderão enviar fotos em pontos turísticos da cidade.



Evento contou com a presença de parceiros e lideranças políticas e empresariais

Expressões manezinhas e homenagens

No portal ND+, será criada uma página especial, trazendo notícias com expressões típicas dos nativos da Ilha. No fim do projeto, o Grupo ND entregará um documento para a cidade: uma série de reflexões daquilo que pode ser legado às futuras gerações. “Vamos homenagear pessoas e empresas. Pessoas do ontem e de hoje, para que fique registrado que essas pessoas ajudaram a construir, de alguma maneira, os 350 anos da cidade”, destacou Bertolin.

No encerramento da fala, Bertolin convidou a gerente de jornalismo da NDTV, Andreza Oliveira, e a produtora do projeto Floripa 350, Sara Castro. Segundo Bertolin, as duas terão a responsabilidade de executar

tudo que foi planejado. “Estou muito feliz de estar aqui com gente tão apaixonada por Florianópolis quanto eu. Sou muito sortuda, porque estou com pessoas que também são apaixonadas por Florianópolis e são extremamente competentes”, ressaltou Sara, agradecendo à equipe.

Diretor de conteúdo do Grupo ND, Luís Meneghim disse que o projeto não é simplesmente para marcar uma data comemorativa. “Vamos contar toda uma história, desde o surgimento da antiga Desterro, até os dias atuais, apresentando para o futuro essa metrópole que está se tornando Florianópolis, por meio do que nós sabemos fazer: comunicação”, frisou o diretor.

“Eu tive muita sorte de ser o prefeito nessa data tão importante para Florianópolis e fiquei ainda mais feliz com a escolha do slogan do projeto, que é o abraço.”



Topázio Neto, prefeito de Florianópolis

“Parabéns ao Marcello Petrelli e a toda sua equipe da NDTV pelo excelente programa das atividades que serão desenvolvidas pela ND por conta do aniversário de 350 anos de Florianópolis. A cidade toda vai estar muito envolvida e a CDL Florianópolis estará sendo parceira nessas atividades que valorizam o nosso passado e nos preparam para o futuro.”



Júlio Jeremias, presidente da CDL de Florianópolis

“Parabéns ao Grupo ND pelo belíssimo projeto que abraça Florianópolis no aniversário de 350 anos! Essa iniciativa é de extrema importância, valorizando nossa rica história e vislumbrando a evolução a partir da inovação e do empreendedorismo. A Acif, presente no passado e no futuro de Florianópolis, é parceira do ND para fazer nossa cidade pulsar e prosperar.”



Rodrigo Rossoni, presidente da Acif

“O Grupo ND presenteia a cidade com um projeto que orgulha a todos e que ao mesmo tempo valoriza as histórias maravilhosas do nosso povo.”



Marco Alberton, presidente do Sinduscon Grande Florianópolis

“Quando temos uma data redonda como essa, temos uma imensa oportunidade de fazer uma reflexão sobre quem somos, para onde estamos indo, quem foram os grandes personagens aqui e quem queremos ser daqui para frente.”



Rafael Nogueira, presidente da Fundação Catarinense de Cultura

“Como gestora de uma fundação cultural, que é da capital de Santa Catarina, e nesse momento realizando os 350 anos, parablenizo a NDTV pela iniciativa de pensar num projeto tão grandioso, visibilizando a cultura do nosso município. A comunicação e o conhecimento são muito importantes, e as mídias contribuem muito para isso, porque ninguém fortalece e preserva aquilo que não conhece.”



Roseli Pereira, presidente da Fundação Franklin Cascaes

Notícias do Dia
Laudelino José Sardá
“Lições de Peninha”

Lições de Peninha / Gelci José Coelho / Franklin Cascaes / Udesc / UFSC

Lições de Peninha

Gelci José Coelho, o popular Peninha, que morreu na quinta-feira, não entendia por que Floripa tem dificuldade para estimular e propagar a sua cultura tão rica: “Temos o Museu Victor Meirelles, mas suas principais obras, como a Primeira Missa, ainda integram o acervo do Rio de Janeiro”.

E como explicar a omissão dos governos do Estado e de Floripa em relação às obras de Franklin Cascaes, que poderiam energizar bem mais a magia, ainda ausente nos sentimentos dos cidadãos? Por que não abrir um memorial para mostrar ao povo e a turistas as obras e os valores de Franklin Cascaes? O imaginário precisa estar no movimento da Ilha.

Enfim, as obras de Cascaes podem e devem estimular a cultura da Ilha. Cascaes andou de barco de pescadores, conversou com rendeiras, velhas donas de casa e dezenas de outras pessoas para dotar a Ilha de uma inigualável fantasia cultural, simplesmente ignorada.

Nem as bruxas, sereias e boitatás voam mais na Ilha.

Sr. Topázio, tope esse desafio de implantar um memorial bem no centro da Ilha.

Peninha era pura imaginação em meio a sucessivas gargalhadas. Certo dia, ele levou a mão ao rosto e desatou: “Ainda vou substituir as estátuas da Liberdade da Ilha por mariquinhas”.



Por que não abrir um memorial para mostrar ao povo e a turistas as obras e os valores de Franklin Cascaes? O imaginário precisa estar no movimento da Ilha.”

ENQUANTO ISSO NA PRAIA DA CACHOEIRA

- Venanço, o Peninha se foi, né?
- Sim, Lelo, mas acredito que os dirigentes públicos ainda vão aprender as lições dele.
- Me lembro de uma coisa que ele recitava: “Bruxas e tatabruxas; não entrem nesta casa e nem nas outras”.
- É Lelo, a magia desaparece sem as obras de Cascaes.
- E se a prefeitura reunisse a UFSC e outros órgãos tu não acha que dava pra montar um bom projeto cultural? O Brasil inteiro iria aplaudir.
- Claro, Lelo, imagine vir para a Ilha e conviver com bruxas e boitatás?
- Mas como isso pode, Venanço?
- Pode sim. A Udesc tem uma boa escola de artes, que pode desenvolver personagens para o movimento cultural. A UFSC, o Sesc, o Senac e as escolas municipais podem dar grande contribuição.
- Se isso desse certo, Venanço, seria uma grande homenagem ao Peninha, né?
- Com toda certeza, Lelo. Imagine botar Cascaes montado em um boitatá e Peninha fugindo das bruxas.
- E os dois dando gargalhadas. Kkkk.

Notícias do Dia

Serviço

“UFSC abre inscrições para cursos de idiomas”

UFSC abre inscrições para cursos de idiomas / DLLE / Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras / Colégio de Aplicação

Vagas remanescentes

UFSC abre inscrições para cursos de idiomas

O DLLE (Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras) da UFSC divulgou o período excepcional de matrículas para vagas remanescentes, oferecido tanto para a comunidade interna quanto externa à universidade.

São ofertados cursos de alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e português para estrangeiros. As inscrições são realizadas pelo site cursosextra.com, e o boleto deve ser pago até a próxima sexta-feira (24).

O DLLE abre a matrícula na terça (21) e na quarta-feira (22) em diferentes horários, conforme divulgado no site oficial. Os alunos podem se matricular nas turmas que ainda tenham vagas, estas são limitadas por ordem de acesso.

A taxa de inscrição varia de acordo com o vínculo dos estudantes, com diferentes valores para estudantes universitários e do Colégio Aplicação da UFSC, para servidores públicos de outras instituições e para a comunidade em geral. Os cursos são promovidos nos formatos presencial e online, com diferentes taxas. Mais informações podem ser acessadas no site cursosextra.com.

Notícias do Dia

Moacir Pereira

“OS BRUXOS”

Os bruxos / Gelci José Coelho / Peninha / Silvio Coelho dos Santos / Franklin Cascaes



OS BRUXOS – O historiador, museólogo e artista Gelci José Coelho (à dir.), ao lado do antropólogo Silvio Coelho dos Santos e do folclorista Franklin Cascaes, em visita à inédita exposição sobre as bruxas da Ilha de Santa Catarina. Peninha foi um fiel discípulo, amigo e seguidor da obra excepcional do professor Cascaes.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

18/03/2023

[A entrevista perdida e reencontrada do pai do Big Bang](#)

[Especialistas em arborização cuidam de figueira centenária em Florianópolis](#)

[Estudante catarinense que tirou mil na redação do Enem é aprovado na UFSC e USP](#)

[Fabricação de supostos gênios desafia atuação dos críticos](#)

[Livro "Rio dos Cedros nella nostra mente" é publicado na Itália](#)

[Milhares de peixes mortos cobrem areia de praia em Florianópolis; FOTOS](#)

[Orçamento, imunizantes, tarrafa](#)

[Presidente gay convive com comentários homofóbicos à frente de clube de Santa Catarina](#)

[Programa habitacional permanente é opção para evitar tragédias](#)

[Suspensão para requisito de experiência em concurso da UFSC é negada](#)

['The Last of Us': O fungo que existe na vida real, entenda o Cordyceps!](#)

19/03/2023

[Fotos mostram milhares de peixes mortos na areia de praia em Florianópolis](#)

[Presidente gay convive com comentários homofóbicos à frente de clube de Santa Catarina](#)

[Suspensão para requisito de experiência em concurso da UFSC é negada](#)